

«Portugal Revisited»

(Continuação da 67-R)

cientemente oportunistas, não eram — como você disse — sobreviventes. E não por razões políticas, embora eles morram por razões políticas; uma bomba da direita. Eles são claros demais para poderem viver na meia-tinta.

EXP. — Então, depois da revolução continuámos na meia-tinta, nada se definiu?

J.C.P. — Não, mas houve tipos que continuaram a viver na meia-tinta.

EXP. — Você não embandeira em arco, aquilo depois do 25 de Abril não é um mundo de Panglosa, é um mundo deprimente...

J.C.P. — Mas prefiro mil vezes o deprimente de agora ao deprimente de antigamente. É muito diferente!

EXP. — Mas porque é que não deu àquelas personagens a oportunidade de serem felizes depois da revolução, sendo as únicas que o mereciam?

J.C.P. — Mereciam, também acho (risos), mas estes não eram oportunistas, não eram oportunistas da revolução. E são sempre esses que correm riscos.

Os cegos

EXP. — Eles são lúcidos, e como diria o crítico Bernardes, sejamos lúcidos: morreu por excesso de lucidez? A deles ou a sua?

J.C.P. — A lucidez é muito necessária e paga-se caro.

EXP. — No entanto, o livro está recheado de cegos, de ceguinhos nas esquinas, nas ruas, nas tabernas, como se a lucidez das personagens deslizasse à beira de um baranco de cegos... e são os lúcidos que se despenham e os cegos que escapam. Parece-me demasiada luz e demasiada cegueira para ser por acaso...

J.C.P. — Isso é uma coisa extraordinária, porque me faz lembrar um conto que eu escrevi há muito tempo e que é um congresso de cegos; foi publicado no «Le Monde». É um congresso de cegos onde eles são representados pelos cães. Deu-me gozo escrever aquilo. Mas nunca me passou pela cabeça que levantasse isso e não lhe sei responder. E tenho outro conto, do tempo em que comecei a ser conhecido, ao princípio, que está nos Jogos de Azar, que é sobre um tipo que vende um cego. Estranho!

EXP. — Como é que incorpora a memória, os seus registos do quotidiano, num romance? Toma notas?

J.C.P. — Tomo muito pouco. Faço planos, e os planos vão-se ligando sucessivamente. Com os personagens prefiro deixar-me ir. Se uma personagem vai para um lado, sigo-a, não forço, odeio a determinação em literatura. Mesmo que não grame a personagem, deixo-a ir.

EXP. — Escreve à mão...

J.C.P. — Sim, e nunca faço menos do que duas ou três versões. Volto a trás para lhe dizer que você quando lê o livro mete-lhe outras coisas, e essas coisas são importantes. Em literatura, esta troca entre o autor e o leitor é uma reescrita. É como quando leio o Camilo que acho muito melhor do que o Eça! O Camilo é miguelista, aldrabão, reações, mas dá-me coisas que não dá o Eça, não

é lamechas como o Eça, não trata o camponês como uma flor atrás do Chiado. Quando o Camilo diz que o camponês se casa com a camponesa não diz que é por gostar dela, diz que é porque ele quer ter mais um quintal! Esta é a leitura que eu fiz do Camilo mas se eu dissesse isto ao Camilo ele dava-me com o pau ferrado. As leituras sucessivas é que fazem um livro e há coisas às quais é muito difícil responder.

EXP. — Não tem medo do esforço interpretativo, que é trabalho de crítico? No romance há um crítico afrancesado, modernação, sempre com o Barthes às voltas, e o autor não lhe perdoa. É um «pastiche» formidável. Ele passa o tempo a interpretar, os Bernardo Bernardes.

J.C.P. — É um tipo sem coragem, nunca dá contas, nunca afirma. Pira-se o tempo todo! Para se ser crítico é preciso ter coragem, e não interpretar ou explicar a falta de coragem, dando-lhe a volta.

EXP. — Como é que se sente ao meter um livro destes cá fora, um livro que dá pano para mangas? É o pri-

meiro romance que trata assim a nossa história recente, a agonia do regime e o 25 de Abril...

J.C.P. — Gostaria de escrever como quem desliza, sem se cortar pelo gume da faca.

EXP. — Como o caracol? J.C.P. — Ou como um faquir!

EXP. — Como o Rama Siva, o seu faquir do romance...

J.C.P. — Sim (risos)! Bom, prefiro pecar por defeito que por excesso, quanto mais campo uma narrativa dá ao leitor mais rica ela é. A narrativa perde força quando se explica demais, quando tira a liberdade ao leitor. Estou à mercê das diversas leituras, reservando-me o direito de considerar fundamentais, só as leituras de três ou quatro pessoas. Só essas. Mas, quando se publica fica-se numa suspensão terrível!

Ninguém gosta da frustração

EXP. — Acha que alguém poderá, ainda hoje, considerar o livro reaccionário?

J.C.P. — Sim, porque não? Vão dizer, os mais zelosos: o que é que ele quer dizer com isto, ele pensa que isto somos nós, os portugueses? Onde é que ele quer chegar? Isto é um livro sobre a frustração e ninguém gosta da frustração quando anda aí tudo em campanha contra a frustração.

EXP. — Essa dicotomia-progressista-reaccionário — já nem se usa, já ninguém cai nesses primarismos.

J.C.P. — Mas ainda há quem pense que o capitalismo se faz com uma régua e um esquadro e ele faz-se em turbilhão; ainda há dias tive de calar um tipo com esta frase. Alguém que é capaz de dizer que não gosta de um filme americano porque ele é americano. E de uma geração muito diferente da minha! Uma geração quantos mais complexos de culpa tem e, mais exigências tem. A certa altura, eu estava a fazer de reações oficial perante este tipo muito bem instalado na vida! E digo-lhe desde já que não me parece que «os meus amigos políticos» vão gostar deste livro!

EXP. — Mas você nunca toma partido!

J.C.P. — Pois não, mas não estou a condenar o meu livro, senão não chegava a publicá-lo! Há quem fale uma linguagem que, por detrás dos chavões das definições é uma linguagem igual à do antigamente, com as mesmas clivagens mas do lado contrário.

EXP. — Mudando de assunto, e por falar em cinema: vai muito ao cinema?

J.C.P. — Vou, e saio muito a meio. Ainda há pouco tempo fui ver o Sacrificio do

Tarkovski e aquilo cansou-me como um raio, não tenho saúde para aquilo! E saí. O Kubrick e o Resnais são dos meus preferidos mas também saí a meio do «Mélo».

EXP. — E sair de um livro a meio?

J.C.P. — Mais difícil.

EXP. — Você escreveu um livro complexo, muito mais do que parece. E sabe que escreveu. Quer arrumar com o estafado problema da identidade nacional que tanto dá que fazer a intelectuais em cadeiras de repouso? Dá uma sova monstra nisso tudo, nessa especulação pedante...

J.C.P. — Não sei se arrumei a questão, mas queria aleijar, lá isso queria.

EXP. — A nossa identidade é esta confusão circense, esta riqueza de fraquezas, estas ambiguidades e habilidades? Somos exactamente aquilo que queremos ser, de uma maneira multiplicada, diversa? O país não nos engana porque nós somos o país? Somos o marido certo e a mulher traidora?

J.C.P. — Claro, e repare que acabei por dar um retrato de pátria através da mátria, da maternidade. Para gostar é preciso não gostar.

EXP. — Por isso é que o Ruy Belo aparece no fim? É ele que acaba por ter o discurso mais verdadeiro do livro...

J.C.P. — Porque é o discurso das contradições e o Ruy Belo era aquilo, eu conheci-o, era um tipo incrível, giríssimo, muito estranho e inteligente. O Ruy Belo acabou a escrever Deus com letra pequena porque tinha vindo de lá, da igreja. É sempre suspeito escrever Deus com letra pequena, é culto, é uma revolta suspeita, como a dos dissidentes comunistas. Por isso é que eu digo, pela boca da Maria quando o conhece...

EXP. — A ler «A Bola» com a atenção de quem lê Plutarco...

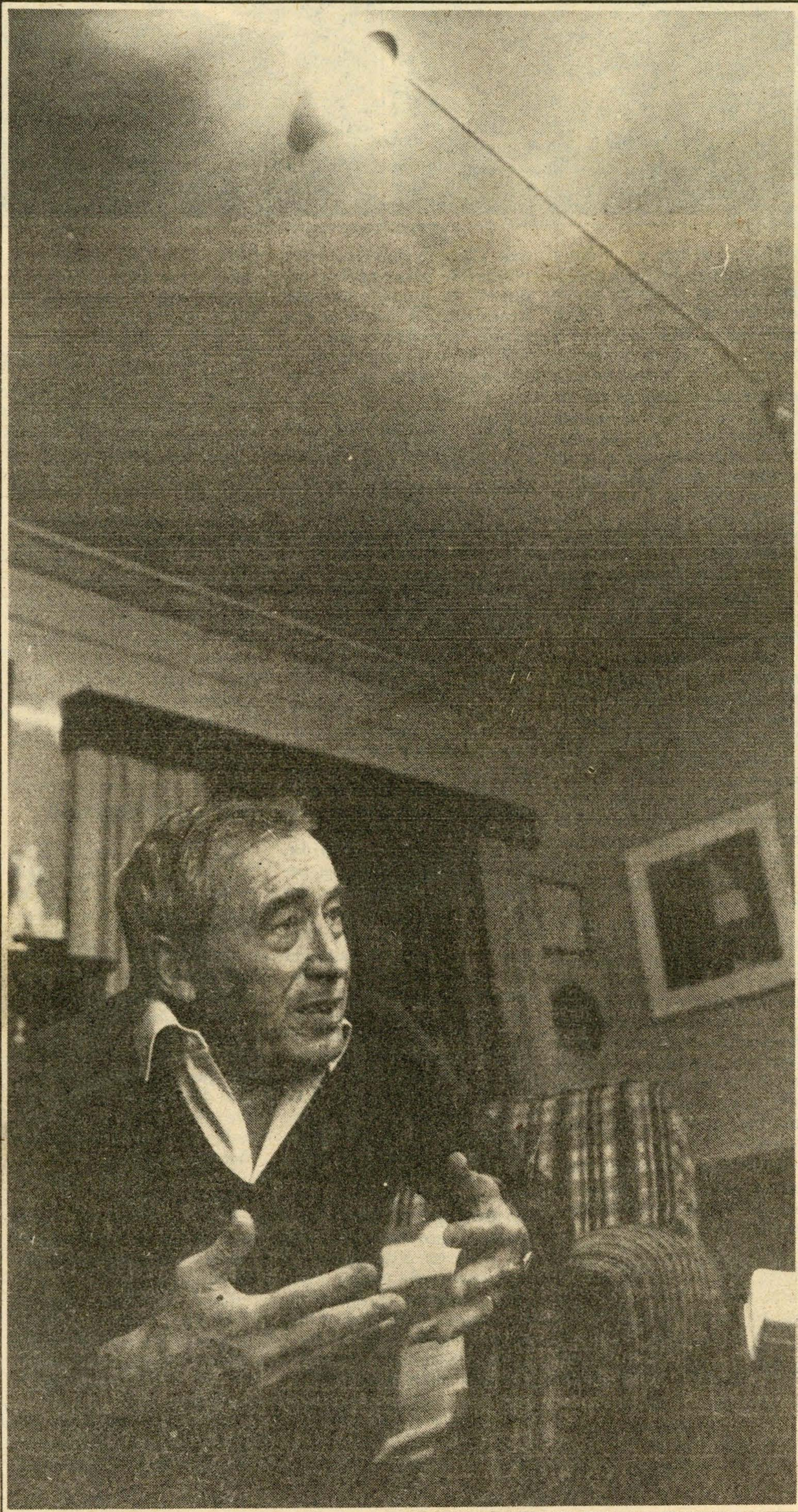
J.C.P. — Pois, e digo que um tipo que escreve Deus com letra pequena é porque está cheio de medo. Se quero saber se sou português não tenho nada que me preocupar em fazer um programa para mim mesmo, se não sou coisa nenhuma! Eu não tenho o complexo de querer saber porque é que sou português, se sou e como sou. Eu sou português porque desconfio que sou!

EXP. — Desconfiamos todos. Como a Sophia desconfia que está grávida...

J.C.P. — Quando inventei a gravidez fantasma da Sophia não sabia que aquilo existia mesmo, foi a minha mulher que mo disse e um médico, mais tarde, deu-me o nome clínico daquilo. Na barriga da Sophia é que não acontecia nada.

EXP. — Como «no meu país não acontece nada». Ruy Belo «dixit».

«Gostaria de escrever como quem desliza, sem se cortar, pelo gume de uma faca... ou como um faquir!»



António Pedro Ferreira